será?

Persigo uma mulher nas redes sociais que dorme com o mesmo homem que eu. Às vezes, quando sou demasiado rápida a ver as suas *stories*, bloqueio-a temporariamente para que ela não saiba que, distraída, atualizo a sua página quinze vezes por minuto enquanto tenho a Netflix aberta no ecrã do meu portátil, com o estômago a revirar-se num prazer doentio quando vejo que a fotografia de perfil dela está enquadrada num círculo cor-de-rosa. Tem dezenas de milhares de seguidores, conta verificada e é filha de alguém famoso nos Estados Unidos. Tem opiniões respeitantes a objetos para a casa sobre as quais nunca tinha pensado; com gosto firme no tipo de velas de cera de abelha para queimar, usa toalhas de mesa requintadas às refeições principais, sabe onde comprar cerâmica de edição limitada de oleiros bem-conceituados, fica feliz por gastar trezentos dólares numa jarra em que põe flores de erva-doce verdadeiramente orgânicas, das que têm produção cem por cento *orgânica* desde o primeiro passo até chegarem ao consumidor, compra um anel de quinhentos dólares para si numa altura em que o resto do mundo passa por dificuldades financeiras e exibe-o numa *selfie*. Usa um filtro no Instagram para esconder as imperfeições, que lhe afina as faces e apaga as linhas grossas em forma de *V* que estão esculpidas na

testa e que ficam mais proeminentes quando arqueia as sobrancelhas. Uma sensação doentia de satisfação percorre-me sempre que as vejo. Encomenda comida nos restaurantes certos, parece conhecer todas as pessoas da alta sociedade e é aceite nos círculos que parecem estar fora do meu alcance. Às vezes, pergunto-me o que lhe diria se a conhecesse, contar-lhe-ia sobre a nossa ligação? Dir-lhe-ia que sei onde mora? E dir-lhe-ia que descobri como ela terminou com o namorado? Dir-lhe-ia que sei que o tom das suas *stories* mudou porque o homem com quem ambas dormimos, o homem com quem quero estar, a envergonhou por explorar a sua privacidade da última vez que se viram? Dir-lhe-ia que sei quem é o ex-marido, que vi a nova família dele e que ele agora parece feliz, mais feliz do que nas fotografias que vi dos dois? Dir-lhe-ia que sei quem são os seus amigos e que também vejo as *stories* deles? Dir-lhe-ia que faço capturas de ecrã de todas as fotos que tira de si mesma e que as analiso tão intensamente que por vezes temo ter adquirido algumas das suas expressões faciais? Ou que apanhei certas entoações vocais dela por a ouvir falar com o pai no YouTube repetidamente antes de ir dormir? Aproximar-me-ia dela para a cheirar e sentir o que ele sentiu quando sentiu o cheiro dela? *Provaria eu o interior da sua boca para descobrir o que era tão atraente? Como se moveria o corpo dela quando estava excitada? E se eu a estimulasse? Será que isto me ajudaria a perceber o porquê de ele ter deixado de foder comigo para passar a foder com ela?*

diz-me o que quero

Atualizo, atualizo, atualizo, atualizo. A mulher por quem estou obcecada costuma publicar por volta desta hora. Pus *Gilmore Girls* a dar no meu portátil, mas não presto atenção. Atualizo outra vez e, de repente, à nona tentativa, os quadrados movem-se para a direita, ficam brancos, depressa voltam a ter cor e eis que vejo a nova publicação — uma seleção de produtos de uma loja *online* que ela tem e que se chama Terroir. Pode dar lucro ou não, mas, independentemente deste pequeno inconveniente, parece que ser fundador de uma loja *online* própria é a nova moda das crianças ricas. Todos os seus amigos fazem publicações cuidadosamente planeadas e estratégicas, nas quais promovem uma linha de cuidados de pele ou móveis interiores caros ou utensílios de cozinha — objetos que foram retirados do contexto em que por norma estão a fim de serem expostos artisticamente em ambiente caseiro, para os fazer parecer mais interessantes. Aprendi sobre móveis de meados do século passado desta forma. Penso nos roupeiros genéricos embutidos dos meus pais, de madeira falsa, que são sem dúvida de plástico folheado, que eles orgulhosamente escolheram no catálogo de um grande retalhista de Sudbury.

Sei que a mulher por quem estou obcecada tem muitos desses amigos, que partilham este tipo de publicações, nas quais a aquisição de beleza parece alimentá-los tanto quanto a comida. Um desses amigos publica o interior das casas de artistas notáveis, tal como ela. Sei disso porque também o persigo, ele publica fotografias dela e gosto de ver o que veste todos os dias, o que me faz sentir uma merda, mas, depois fico satisfeita por ter essa informação, ainda que, sinceramente, uma parte de mim morra sempre que faço uma captura de ecrã de uma foto dela ou do seu novo apartamento em Marfa, agora que está solteira, ou do apartamento onde morava, e que partilhava com o ex-namorado, ou da casa do pai, onde tento mapear a geografia das respetivas divisões. Guardo essas capturas de ecrã numa pasta chamada Álbum, no telemóvel. Quando deslizo pelas imagens, parece que tenho uma grande amiga cuja vida celebro, como se quisesse guardar as suas memórias junto das minhas. Não tenho opiniões a dar sobre móveis. Se algum dia tiver uma casa, nem sei decorá-la. Não tenho nada que indique aos outros que sou especialista em alguma coisa e que opino sobre isso, nem que possuo maturidade para tal. Encaixo-me em espaços que já existem e moldo-me à forma que me foi atribuída. Não tenho nada. A ideia de comprar antiguidades uma a uma é exaustiva, excitante e cara. Clico nas contas das lojas que a mulher por quem estou obcecada marcou nas publicações, e às quais ela agradece, assim como nas contas dos pintores que recomendou nas *stories*, e que felizmente incluem um *link* no qual podemos comprar. Procuro o preço do quadro que ela posiciona de modo a levar com o sol, por cima da lareira colorida, com o *hashtag* do arquiteto que a projetou e do autor da pintura. Pesquiso o nome do artista no Google e o «preço» e descubro que ele já morreu, que o quadro custa entre quinze e vinte mil dólares, e o meu queixo descai e quero tê-lo também, mas como e aonde vou para comprar esses quadros? Ou talvez o que quero é o dinheiro disponível para comprar um, mas, na realidade, o que desejo é algo mais difícil de conseguir, que é saber quais os quadros que vale a pena adquirir, a juntar à crença inata de que mereço estar num ambiente rodeado de quadros nas paredes antes de me poder sentir em casa. Leio a legenda da nova publicação,

que diz: *Vem ter connosco à nossa* pop-up *na casa de um amigo, em Notting Hill. Para mais informações, enviar mensagem privada*. A imagem da publicação é uma montagem com vários artigos à venda na Terroir, na qual os mesmos são apresentados de forma individual sobre um fundo branco. A singularidade do negócio dela é que é filha de alguém famoso por ser esteticamente exigente e quem desembolsar um mínimo de quinhentos dólares pode também ter uma parte desse bom gosto. Penso — esta é a minha oportunidade.

a estética das portas da frente

Verifico o endereço e o Google Maps guia-me pelos arranha-céus até uma rua arborizada a dez minutos a pé da Estação de Notting Hill Gate. É o tipo de rua onde não há placas a dizer *vende-se* porque todos aqui sabem que têm uma boa casa, o género de rua em que todas as portas estão pintadas da mesma cor, mas com tonalidades diferentes, que nos dizem — *aqui, somos uma comunidade, conversamos com os vizinhos sobre assuntos como a estética das portas da frente*. As portas da frente deles não são as portas de plástico branco que eu cresci a ver — aquelas que replicam uma espécie de sequência de ADN por Kingsbury[1], onde, ao passar a soleira, se entra num pequeno espaço intermediário no qual descalçamos e deixamos os sapatos, antes de se passar por outra porta de plástico branco que nos leva ao interior da casa. Não, estas portas são feitas à medida, de aparência imponente, peças únicas adquiridas em feiras de antiguidades ou então já vinham com as casas, pintadas com as cores poéticas da Farrow & Ball[2]. Não há apenas vermelho, branco e branco brilhante, não têm nomes tipo «bege corajoso» e «brilho de sereia», não, estas cores são como que um *sommelier* discreto de um bom

[1] Bairro a noroeste de Londres. Ou subúrbio na zona sudeste de Birmingham. *(N. da T.)*
[2] Empresa de tintas e papéis de parede inglesa. *(N. da T.)*

restaurante que *murmura excelente escolha*. Aqui, o bege tem várias tonalidades, tais como *cor de marfim, um bege-acinzentado característico dos pombos, cor de sabão, wevet*[3] — nesta terra de bom gosto, o bege não é apenas bege, é aplicado de forma rústica para fazer acreditar que quem o escolheu é mais inteligente do que parece e merece ser tratado com delicadeza.

Caminho na direção de uma casa especialmente adorável, desfasada da calçada por uma entrada pavimentada de azulejos de padrão elaborado, rodeada de arbustos cor-de-rosa em forma de meia-lua que dão privacidade às grandes janelas salientes. É uma casa de família indulgente e imponente que agita a riqueza acumulada ao longo de gerações como uma cauda. Há vitrais ornamentados por cima de uma porta larga à qual se acede subindo três degraus em forma de semicírculo. O *Citroën* desgastado estacionado à entrada serve apenas para amplificar o rio de dinheiro que ouço cair em cascata sobre a casa. Tenho a mão na maçaneta. É de latão e tranquilizadoramente pesada. Respiro fundo. Estou prestes a fazer isto? Decidi vestir as roupas mais próximas que tenho de marcas de luxo, mas, para parecer um pouco ousada, complemento o visual com umas *Nike Air Force Ones* brancas e brilhantes, pelas quais passo um toalhete humedecido sempre que as uso para parecerem novas, umas calças de desporto em segunda mão da Ganni, um sutiã de desporto da Stüssy e uma camisa de marca, também em segunda mão, enrodilhada, que aperto apenas a meio, de modo a deixar a barriga macia à vista. Olho o *Citroën* de relance. Pergunto de mim para mim se o meu enrodilhado é igual ao de uma pessoa rica. Seguro o batente da porta.

[3] Tonalidade de bege criada pela empresa Farrow & Ball. *(N. da T.)*

a pila de alguém que não quer saber se estás viva ou morta

O homem com quem quero estar finge que luta comigo no parque. Empurra-me a cabeça para baixo, na direção da relva, senta-se nas minhas costas e faz-me cócegas. Contorço-me debaixo dele, afasto-o e fico de cócoras, com as mãos estendidas, os dedos abertos, como vermes que saem da terra. Agarro-o como se o fosse estrangular. Ele começa outra vez a fazer-me cócegas e empurra-me, atirando-me ao chão. Quando me levanto, estou tão excitada que me babo, e a saliva que me escorre da boca brilha nas costas da minha mão. De repente, estou ciente dos limites do meu corpo contra o dele. Este é o contacto físico máximo que ele permite. Diz que o sexo entre nós é demasiado intenso e, por isso, deixámos de o fazer. Ele tem uma pila linda — reta, grossa e muito comprida. Quando fazíamos sexo, entrava tão fundo em mim que sentia a estrutura do colo do útero. Tinha de lhe pedir que fosse devagar, enquanto os meus olhos se reviravam e eu gemia. Só de me lembrar desses momentos, fico com as cuecas molhadas e, «sem querer», encosto uma mão às calças dele para ver se também está excitado, e confirmo que sim. Está duro, mas não me vai foder, e estou tão excitada que sei que, quando chegar a casa, vou vasculhar *e-mails*

antigos que trocámos a fim de ver se encontro as fotografias não solicitadas da pila dele, e masturbar-me a olhar para elas.

Pergunto-lhe se já ouviu falar da mulher por quem estou obcecada, e ele diz-me que não. Ela acabou de lançar um livro e anda a dar toneladas de entrevistas, digo-lhe. Eu sei, tenho um amigo na América que me enviou um *link* de uma delas, é confrangedor, nem consigo olhar, responde-me. Não lhe revelo que acompanho o lançamento do livro como se preparasse um ataque com *drones*. Com o tempo, aprendi que preciso de fazer perguntas bem específicas porque a verdade sai-lhe sempre boca fora. Ele conta-me uma versão omitindo factos, o que me põe em cima a responsabilidade de fazer as perguntas certas da maneira certa, quase como se eu fosse um advogado a interrogar uma testemunha numa audiência. No entanto, ele desarma-me muitas vezes, dando-me demasiadas informações e, se me magoar, diz ele, tu é que perguntaste. E se eu descobrir que as coisas foram diferentes do que me contou, bem, tu é que não fizeste as perguntas certas, dir-me-á. Ela recebeu um adiantamento de trezentos e cinquenta mil dólares pelo livro, diz-me, e eu suspiro e ponho a mão à frente da boca, e ainda vai receber cinquenta mil dólares extra, se entrar na lista dos mais vendidos, acrescenta, e eu fico boquiaberta. E entrou, pergunto-lhe. Não sei, responde-me, e pesquisamos no Google e vemos as listas mais recentes, mas não encontramos o livro dela. Ele depressa se distrai. Vejo os seus dedos automaticamente a verificarem o *e-mail*, o Instagram, o WhatsApp, o *e-mail* outra vez, o Instagram, as notícias. Vejo-o absorto no telemóvel. Para ter de novo a sua atenção, ataco-o, empurro-o para baixo, deito-o de costas na relva e sento-me em cima da pila dele, enquanto o telemóvel lhe escorrega da mão. É muito bom, mesmo com as roupas a separar-nos, mas ele não me vai deixar despi-lo, sei que não. Começo a rir-me, tipo, olha para mim, oh, sou tão descontraída e divertida e maluca! Prendo-lhe os braços por cima da cabeça e rio-me porque parece que estou a torturá-lo. Pergunto-lhe se vai ficar comigo. Tenta afastar-me com as pernas, mas aperto as minhas para me segurar. Vais ficar comigo?, repito. Diz sim ou não. Rio-me para que ele pense que talvez seja uma piada. Ele ri-se também, nervoso, mas contorce-se. Sinto o

meu desespero crescer — diz sim ou não, as palavras sibiladas pelos meus dentes cerrados. Faço mais força com as mãos, ainda nos estamos a divertir. Ainda é divertido, não é? Ele faz uma careta. Estás a magoar-me nas mãos, diz-me. Baixo a cabeça na direção da dele e resmungo. Quero que digas não, pelo amor de Deus, quero que me digas que não. Ele é mais forte do que eu e tira-me de cima dele, ofegante do esforço, porque sou mais alta do que ele. Olhamos um para o outro. Tenho de ir para casa, diz ele enquanto olha para o céu manchado de tons cor de laranja e cor-de-rosa. Está a ficar tarde, afirma, ao olhar para mim. Sinto um peso no peito. Começo silenciosamente a arrumar na mochila as coisas que trouxe para o piquenique, com o olhar voltado para baixo, tentando pensar numa maneira de virar o jogo a meu favor, de o forçar a declarar amor eterno por mim e a prometer que se casa comigo. Sei que ele tem de ir porque deve estar em casa com a mulher antes do jantar. Levantamo-nos e pego na manta que estendi para nós, a fim de lhe mostrar que o posso largar abruptamente, que não sou nenhuma cola, que estou pronta a deixá-lo.

Ele está de pé à minha frente. Quero magoá-lo. Estamos a construir um futuro?, pergunto. Ele fica petrificado, como se eu de repente me tivesse transformado num predador. Aproveitas os nossos encontros para pensares numa decisão ou isto é suficiente para ti?, insisto. Desisto de dobrar a manta de forma simétrica e penduro-a nos braços, amarrotando-a. Ele concentra-se em despejar as sobras de chá no meu termo, até que repara no telemóvel caído na relva e o guarda no bolso. Continua a olhar para o chão. Não posso responder dessa forma, consigo imaginar um futuro contigo, mas essa pergunta é demasiado específica, profere. Um zumbido irrompe nos meus ouvidos. Dou palmadas na manta a fim de sacudir a relva e abafar o som. Às vezes, pergunto-me se és a relação principal da minha vida, afirma, inclinando a cabeça para trás, de modo a levar com a luz enfraquecida do sol na cara. Semicerro os olhos e curvo os lábios com desdém. Claro que sou a principal, digo. O homem com quem quero estar aproxima-se de mim. Estende a mão para tirar a relva que ficou agarrada ao meu cabelo, mas afasto-o, empurrando-o pelo ombro com brusquidão. Ele balança nos calcanhares,

tentando recuperar o equilíbrio. Concentro-me numa árvore minúscula que vejo ao longe. Se a olhar com força suficiente, talvez a consiga fazer desaparecer. Sinto um formigueiro no abdómen, como se fossem dentes a romper gengivas dentro da barriga, com pequenas lápides a marcarem-me cada ferida.

Exposta ao sol, a bola de saliva nas costas da mão começa a formar uma crosta.

o começo

No início, o homem com quero estar não me dá o seu número de telemóvel, e também não lho peço. Envia-me *e-mails* desajeitados e complicados; portanto, ainda que não verbalizado, subentende-se que não quer ser facilmente contactado por mim. Temos breves momentos de contacto intenso, cada vez mais frequentes por iniciativa minha, e depois passam-se semanas em que não acontece nada. Ele está em Hydra, na Grécia, a organizar uma exposição com a mulher. Eu não devia saber desta exposição, mas sei (vi no Instagram) e, nas escassas mensagens, finjo que não sei onde está, nem com quem, porque, no próximo fim de semana, depois de ele voltar, vamos encontrar-nos outra vez. Estou no trabalho, num estúdio escuro, quando vejo o nome dele no ecrã do telemóvel. Ansiosa, abro o *e-mail*, mas, ao ler o que me escreveu, sinto-me perder o equilíbrio. Diz-me que não pode comparecer ao encontro sexual que marcou comigo porque uma ex-namorada lhe perguntou se o podia ver e o único horário que tem disponível coincide com o nosso. Refere que é bastante inconveniente que ela o queira ver, visto que ele e a mulher estão numa boa fase; contudo, a relação com a tal mulher é tortuosa. Trata-se de uma relação física tóxica e inebriante. Retomaram o contacto, e percebo que é por isso que tem

sido especialmente difícil ter a atenção dele nos últimos tempos. Diz-me que não sabe se estará com disponibilidade para fazermos sexo, sendo melhor cancelar. Parece que não consegue livrar-se dela. Não se pode dispensar assim o amor, diz-me, com tristeza. O *e-mail* é uma confissão, um desabafo. Revela-me que se cruzaram há uns meses numa exposição privada na Royal Academy[4], mas ele ficou tão perturbado que se veio embora. Ela mandou-lhe uma mensagem a questioná-lo em relação à sua saída antecipada, e ele respondeu-lhe que era demasiado cedo para a ver. Percebo uma série de coisas. Ela é melhor na cama do que eu. Tem o número dele, o que significa que quer ser facilmente contactado por ela. Não estou a embarcar num caso amoroso que me tira da minha relação atual e me ponha numa com ele, como gostaria. Mesmo que esteja a trair a mulher e eu a trair o meu namorado, o que denota que nenhum de nós é de confiança, ele já está apaixonado por alguém fora deste triângulo e não se sente fiel a mim, o que também mostra que espero um tratamento especial, uma abnegação impossível nesta teia. Para ele, ela é mais importante do que eu, e eu não tive nenhum impacto. Há toda uma história paralela que se desenvolve com estas duas personagens principais, e eu sou apenas a personagem secundária, que incentiva o rumo da história de amor deles. Não sou a personagem principal desta comédia romântica de traições, apenas uma assistente de cena. Ele não corre o risco de se apaixonar por mim. Sou descartável até da minha própria vida. Faço parte de um estrato social mais baixo; portanto, eles são iguais e mais facilmente compatíveis. Não passava na cabeça de nenhuma pessoa convidar-me para uma exposição privada na Royal Academy — não sou ninguém. Sou uma fã e, por causa disso, posso ser descartada.

[4] Escola de Artes em Londres. *(N. da T.)*

estou só a ver

Reconheço do Instragam a mulher que me abre a porta. Chama-se Val. Tem um namorado mais velho do que ela, talvez até seja marido, mas não tenho a certeza, não consegui confirmar essa informação nas pesquisas. Ela também foi criada em Mendocino e trabalha a meio-tempo para a Terroir, mas, em vez de ser um emprego para pagar contas, é um *hobby* — uma coisa agradável de se fazer. A Val tira fotografias a si mesma ao espelho, posicionando o *iPhone* de modo a tapar a cara, ou *close-ups* de tecidos bonitos, ou uma foto de uma exposição que visitou e na qual marca o artista com uma mensagem personalizada porque é amiga dele. Declara o seu amor pelo namorado ou marido com frequência. Como casal, costumam tirar *selfies* no espelho do elevador, que ela depois publica nas *stories*. Faz fotografias de objetos embrulhados em tecidos delicados com pormenores de renda ou em papel marrom delicado amarrado com fio colorido e publica-as na sua página. Nos comentários, é recompensada pelos amigos com *emojis* de corações flutuantes e *emojis* com mãos para cima. A mulher por quem estou obcecada escreve «linda» — uma das imagens de marca dela é escrever comentários só com uma palavra nas publicações dos amigos.

A Val é elegante, mas simples. Está vestida de forma singela, mas as roupas têm boa modelagem nos ombros e na cintura, o que a faz parecer mais bonita, ou mais intimidante, o que suponho ser a mesma coisa. Os sapatos são de couro, beges e com uma bola no salto, com uma estrutura sólida e geométrica. É tão ela, tão o gosto dela, excêntrica e intemporal. Sinto-me desconfortável nas minhas sapatilhas e na camisa amarrotada. Ela pergunta-me o nome, verifica no *iPad* e sorri amplamente. Anda, diz-me, e caminha por um longo corredor sem verificar se a sigo. Veem-se mais vitrais, o que faz com que haja espectros de luz de diferentes cores a serem projetados nas paredes. A casa está escura, mas de certa forma iluminada, e os móveis são de madeira escura, cor de chocolate. O pavimento é irregular, o que indica o quão antigo é e como está velho e desgastado, lembrando o chão das casas de campo antigas e grandes. Ela guia-me até à sala de estar. Estende a mão na direção das «peças», diz-me que regressa dentro de quinze minutos e que posso experimentar o que quiser, com exceção das joias em exposição, que têm peças próprias para se experimentar, caso se goste de alguma. Deixa-me à vontade para ver tudo com tempo e depois volta a fim de saber se preciso de alguma coisa. Sorrio e agradeço. Ando pela sala meio à toa. Há pinturas enormes em tons de vermelho e cor-de-rosa penduradas nas paredes forradas de um papel com relevos, como o gesso antes de ser pintado. Toco-lhes. A ideia de deixar o acabamento inacabado está relacionada com o *Citroën* estacionado à porta, e não tem que ver com falta de orçamento, é uma escolha de *design*. Existem sinais de riqueza por toda a parte, pelo que não é necessário exagerar no acabamento das paredes. Há vários objetos espalhados pela sala que aparentemente são inúteis, mas parecem caros — como as tigelas e os pratos pequenos e com corres brilhantes expostos na lareira, sem nada lá dentro, e os castiçais de latão com velas de cera de abelha índigas e amarelas, do género que a mulher por quem estou obcecada prefere. Vejo vestígios da presença dela por toda a parte, especialmente nos imponentes buquês, arranjos impressionantes de ervilhas-de-cheiro, galhos e grandes flores brancas. Estes arranjos, escolhidos a dedo pela mulher por quem estou obcecada, têm uma presença forte, que só posso aspirar a ter. Expostos

de forma espaçada para que possam ter o destaque merecido, estão os macacões de cor creme, azul-marinhos e pretos feitos num ateliê de moda em Milão, cujo preço são mil libras, os quais foram pensados para serem usados em atividades de jardinagem dignas do Instagram, mas também são suficientemente chiques para uma visita *instagramável* a um mercado de produtos locais, e os anéis de ouro com pérolas, no valor de oito mil libras cada. A seguir, num móvel desenhado pelo Paul McCobb, encontram-se expostas ferramentas de jardinagem que custam entre quatrocentas e oitocentas libras, com uma etiqueta manuscrita ao lado de cada uma com o logótipo no topo e que indicam a prática *shokunin* — uma filosofia artesanal com a qual ficamos a saber que ela se identifica. No chão, dispostas como passageiros que aguardam a chegada do comboio, há botas feitas por tecelãs brancas que replicam umas que ela viu num mercado em Oaxaca, no valor de setecentas e cinquenta libras, para apanhar legumes em poses fotogénicas no seu exuberante jardim. Vi todas estas coisas no ecrã do telemóvel e agora perturbam-me. As botas são de um couro tipo manteiga e parecem caras, mas, ao mesmo tempo, não mostram nada de extraordinário, embora fizessem com que os outros nos vissem de outra forma. Depois de já ter pensado nelas por tanto tempo, novecentas libras parecem-me um valor razoável. Porque não gastar novecentos paus nuns sapatos ou mil num macacão quando a renda mensal do apartamento que divido com o meu namorado são mil e duzentas libras sem contas incluídas?

Aproximo-me da mesa de jantar, encostada a um canto de modo a haver espaço para todos os artigos. As cadeiras, dispostas lado a lado, têm um aspeto *vintage*, mas são clássicos do *design* com muita qualidade, e curiosamente não combinam umas com as outras. A mesa tem uma toalha lilás encomendada a um artista, com desenhos bordados alusivos a plantas, no valor de trezentas e cinquenta libras, e legumes dispostos em tigelas de madeira, mas não são como aqueles murchos e mirrados que vi nos eventos rasca a que já fui e que eram frequentados por brancos. Aqui, o nível é outro, uma exibição confiante, típico dos brancos. Estes legumes têm ar de acabados de sair da terra, ainda com talos, com as cenouras das cores suculentas do arco-íris — nunca tinha

visto cenouras roxas, vermelhas e amarelas —, rabanetes inteiros e com rama, pepinos pequenos e erva-doce cortada na diagonal de forma elegante. Há montes de pão de fermentação natural e de centeio com aspeto rústico — fiquei na dúvida se são decoração — e baguetes entrançadas debaixo deles, com o trabalho das mãos do padeiro a ser notório nas côdeas crocantes e achatadas com carinho. Ao lado, cachos de uvas vermelhas estão voluptuosamente dispostos em pratos metálicos. Em duas tigelas brancas com bordas de um azul-escuro intenso, há húmus e um molho vermelho espalhado de forma decorativa. Pelo húmus em falta na tigela e pelos talos dos legumes descartados, vejo que esteve gente aqui antes de mim. Num prato verde-limão com bordas decorativas, repousa um dos seus lenços de seda com flores da Georgia O'Keefe[5], no valor de seiscentas libras, e, debaixo do lenço, uma faca de pão de edição limitada da Nancy Silverton[6], no valor de cento e sessenta e nove libras, com a indicação de que já está esgotada. O cenário é iluminado pela luz que entra através da janela, o que dá à mesa um ar romântico, numa mistura de natureza-morta[7] neerlandesa do século XVII com um toque contemporâneo, e penso como consegue criar um ambiente assim. E por onde raios anda ela? Parece não haver mais ninguém na casa. Não tenho como pagar nada do que aqui se vende e não quero fingir o contrário. Neste momento, ouço os passos da Val vindos do corredor e apresso-me a posicionar-me de maneira que ela me veja a analisar as botas; portanto, finjo que tenho. Assome à porta e a sua expressão transmite calma, ela sabe que não consigo pagar nenhum daqueles artigos. O seu sorriso é educadamente forçado. Não sou do círculo dela. Talvez numa próxima, ou, se mudar de ideias, encomendo no *site* da Terroir, digo. O sorriso dela mostra-se fino. Claro, sabe onde nos encontrar. Afasta-se para me acompanhar à porta, com a boca esticada numa linha reta. Mais tarde, vou às redes sociais da Terroir e a mulher por quem estou obcecada grita numa publicação: *obrigada a todos os que vieram, ficamos muito felizes por*

[5] Pintora norte-americana (1887-1986), cujas obras se caracterizam pelos pormenores de flores, entre outros. *(N. da T.)*

[6] *Chef* norte-americana e autora de livros de receitas. *(N. da T.)*

[7] Termo atribuído a pinturas que retratam coisas inanimadas, como frutas, flores, utensílios domésticos e alimentos. *(N. da T.)*

vos conhecer. Obrigada por apoiarem este pequeno negócio. O texto acompanha uma fotografia dela com um dos seus lenços esvoaçantes e penso: *nem sequer estavas lá, parvalhona*.

mãos ao ar

As relações são lugares de ganhos e de perdas — não de conexão e segurança, mas de dominação e de subjugação. Cada gesto, palavra, ato, oportunidade, cara amável, avanço sexual, desconsideração, repulsa, celebração, rejeição, convite, avanço, sorriso, olhar, passos à frente e passos atrás, e cada taxa oferecida deve ser primeiro considerada um insulto, uma ameaça ou um potencial ato de violência que é lentamente neutralizado. É a única forma de viver, considerar todos os que se aproximam inimigos, alguém que nos vai tirar alguma coisa, alguém que nos vê como uma visão estereotipada, que nos trata como seres inferiores porque somos diferentes.

chiu

A única maneira de ter uma relação com o homem com quem quero estar é através do conflito. A única altura em que ele me dá a devida atenção é quando expludo de raiva ou crio a necessidade de uma resposta urgente a uma pergunta existencial sobre nós. A guerra é travada em código Morse, com picos de pressão e silêncio. Ele deixa-me viva ou morta com o brilho da sua atenção. É assim com todas nós. Ele é um vazio e não há como preenchê-lo.